

# JORNALISMO E TECNOLOGIAS DA MOBILIDADE: Conceitos e onfigurações<sup>1</sup>

**Fernando Firmino da SILVA,<sup>2</sup>**  
Universidade Federal da Bahia - UFBA

## RESUMO

O trabalho pretende discutir a relação jornalismo e mobilidade no contexto contemporâneo a partir da inserção de tecnologias móveis digitais e conexões de rede sem fio no processo da produção jornalística. Partindo da noção da existência de um ambiente móvel de produção vinculado a estas tecnologias, procuraremos conceituar os principais operadores terminológicos que auxiliam na compreensão deste fenômeno em desenvolvimento como mobilidade, portabilidade, ubiqüidade e jornalismo móvel. As tecnologias da mobilidade se constituem em um conjunto de aparatos digitais e portáteis que oferecem aos repórteres em campo novas condições técnicas e operacionais para a produção jornalística de forma remota. Entendemos que há uma reconfiguração do jornalismo na interface com estas tecnologias representada por mudanças no *deadline*, nas rotinas de trabalho e, conseqüentemente, com reflexos no perfil profissional e nos produtos gerados. Adicionam-se a esta complexificação da relação jornalismo e mobilidade atual novas formas de lidar com o espaço urbano no link estabelecido pelas tecnologias móveis e pelos processos de geolocalização.

**Palavras-chave:** jornalismo, cibercultura, comunicação móvel, jornalismo móvel, mobilidade

## Introdução ao jornalismo móvel

Este artigo visa apresentar um breve panorama do jornalismo e das tecnologias da mobilidade tendo como base a característica da cibercultura de expansão dos seus pressupostos através da digitalização e dos elementos sócio-culturais, que no nosso caso encontra o seu aspecto “físico” nas tecnologias móveis e nas conexões de redes sem fio. Devemos lembrar que esta relação entre jornalismo e mobilidade não se constituiu nos tempos recentes. Entretanto, sua característica mais consistente, desde o telégrafo sem fio é, sem dúvida, no momento atual com a reunião de um conjunto de dispositivos móveis que formam uma estrutura realmente considerável para o relato de notícias a

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado no II Simpósio Nacional de Pesquisadores em Cibercultura – ABCiber realizado entre os dias 10 e 13 de novembro na PUC-SP.

<sup>2</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia – UFBA e integra o Grupo de Pesquisa em Cibercidades – GPC e o Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online - GJOL. É jornalista e professor titular do Departamento de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. É bolsista do CNPq. Email: [fernando.milanni@globocom.com](mailto:fernando.milanni@globocom.com) e edita o blog <http://jornalismomovel.blogspot.com>

distância e de maneira instantânea. O celular, por exemplo, é uma destas plataformas de produção devido aos seus avanços na incorporação de múltiplas funções e melhoria na sua performance o que inclui as suas interfaces. Se o aparelho já era utilizado no seu modo voz para a comunicação entre repórteres-repórteres e repórteres-fontes, com o tráfego de dados para circulação de qualquer outro formato digital em banda larga 3G<sup>3</sup> ou Wi-Fi ampliam-se o uso destes recursos. As transformações não aparecem apenas do ponto de vista técnico, mas, essencialmente, na perspectiva de práticas redefinidoras de modos de se comunicar e circular informação via dispositivos móveis.

Entre estas tecnologias da mobilidade estão *smartphones*, *palmtops*, *notebooks*, *mini-laptops*, celulares, *PDA's*, gravadores e câmeras digitais, aplicativos portáteis como *pen drive* e similares; enquanto que as conexões sem fio são formadas por *Wi-Fi*, *WiMax*, *Bluetooth* e tecnologia de terceira geração 3G. Deste conjunto de aplicações surgem novas práticas e configurações relacionadas às rotinas produtivas dos jornalistas, às formas de produção e distribuição de conteúdos por multi-plataformas, principalmente via celulares como dispositivos híbridos (LEMOS, 2007; LEVINSON, 2004; GOGGIN, 2006) que reúnem uma série de funções e ferramentas como câmeras embutidas, *browser* de internet, editores de texto, áudio, vídeo e múltiplas conexões.

Entendemos que há uma reconfiguração do jornalismo na interface com estas tecnologias representada por mudanças no *deadline*, nas rotinas de trabalho e, conseqüentemente, com reflexos no perfil profissional e nos produtos jornalísticos gerados por meio destas novas condições (SILVA, 2007, 2008a, 2008b; CARMO, 2008). Adicionam-se a esta complexificação da relação jornalismo e mobilidade na sua dinâmica atual novas formas de lidar com o espaço urbano à medida que a portabilidade, a mobilidade, a ubiqüidade e o jornalismo móvel se estabelecem como fatores induzidos pelas tecnologias móveis e pelos processos de geolocalização ao passo que as notícias podem ser demarcadas por GPS e fincadas em mapas na construção da notícia podendo gerar uma nova informação. Estas mudanças apontadas e caracterizadas pela digitalização de artefatos e processos, vão desencadear novos comportamentos no trato com a informação jornalística ao incorporar estes elementos da comunicação móvel.

Para esta discussão mostraremos ao longo do *paper* experiências brasileiras e estrangeiras no campo do jornalismo móvel: (a) com o desenvolvimento de produtos específicos para a web móvel como versões de portais e disponibilização de formatos multimídia para acesso em dispositivos móveis a partir do aspecto de *difusão*; (b) o uso de celulares de terceira geração (3G) para o aspecto de *produção* de conteúdo jornalístico por parte de repórteres em campo, incluindo-se reportagens e entrevistas ao vivo via celular, além de atividades de manejo de banco de dados por meio da conexão web dos aparelhos que permitem edição e publicação direta do local do evento sem o deslocamento até a redação física. Com a banda larga 3G dos celulares atuais a função *upload* e *download* pode ser operacionalizada na mesma velocidade da banda larga doméstica tendo, entretanto, a vantagem do componente mobilidade para a realização de tais tarefas. Neste sentido a cobertura jornalística com fotos, vídeos, áudios e textos pode ser efetuada de forma ubíqua a partir do uso de um *ambiente móvel de produção*<sup>4</sup> (SILVA, 2008a) levando em conta que se tem disponível um *território informacional*<sup>5</sup> (LEMOS, 2007) composto por conexões sem fio acessíveis em dispositivos móveis.

<sup>3</sup> Tecnologia de terceira geração dos celulares que permite a navegação ou download e upload em rede de alta velocidade

<sup>4</sup> Defino ambiente móvel de produção como uma estrutura composta por tecnologias móveis e conexões sem fio que permite a execução de variadas tarefas de produção, edição e postagem de praticamente qualquer lugar pela sua especificidade de poder ser encarada como uma “redação virtual” conectada com uma outra estrutura física redacional.

Tais práticas jornalísticas associadas a estas tecnologias representam novos desafios de estudos no campo da comunicação e da cibercultura por constituir apropriações destas ferramentas da comunicação móvel com ampliação do espectro de possibilidades de análise de objetos construídos no entorno da “sociedade em rede móvel” (CASTELLS et al, 2006; COBO ROMANÍ; PARDO KUKLINSKI, 2007) que fomenta uma série de aplicações e práticas co-relacionadas ao jornalismo-mobilidade-espço urbano verificadas no estágio atual das mídias de massa como rádio, tv, jornais e mídias com funções pós-massivas<sup>6</sup> como blogs, wikis, podcasts, (LEMOS, 2007). Os microblogs, os moblogs, os canais de *streaming* de vídeos em tempo real e a formação de redes sociais e colaborativas se entrelaçam neste contexto de transição e tensão do deslocamento do acesso e da produção de computadores *desktop* para computadores móveis (SCHNEIDER, 2007; ZAGO, 2008).

Portanto, a definição de alguns conceitos, ou o entrelaçamento entre eles, nos ajuda a entender as novas configurações no entorno deste fenômeno emergente que chama a atenção de pesquisadores em diversas áreas, mais particularmente na cibercultura e na comunicação, para apreender seu significado nas relações sociais, comunicacionais, artísticas, políticas e econômicas. Partimos do conceito de jornalismo móvel por entender que ele ainda é indefinido, impreciso e aberto para o refinamento. O termo vem aparecendo na literatura nos últimos anos apontando para a emergência de uma nova forma de construção ou de acesso à notícia em mobilidade a partir do emprego de tecnologias móveis em rede sem fio. John Pavlik (2001) no livro “Journalism and New Media” aborda a questão a partir de um experimento denominado de “estação de trabalho do jornalista móvel” em que o jornalista poderia, por exemplo, com uma câmera digital, um Palm Pilot, ferramentas de reconhecimento de voz e gravador digital e conexões disponíveis produzir uma reportagem contextualizada e a distância. Protótipos deste tipo já tinha sido construído na década de 1980 por Steve Mann com a captura de fotos e circulação delas via online. Stephen Quinn (2002) no livro “Knowledge management in the digital newsroom” discute o tema no capítulo “mobile journalism” em que ele aborda o uso de tecnologias móveis no contexto do jornalismo para coberturas móveis através de “redações virtuais” onde os repórteres poderiam desenvolver seu trabalho de reportagem de campo em sincronia com a redação física e tendo acesso a base de dados ou podendo enviar material do local do acontecimento.

Em 2005 começou a surgir o termo “Mojo” (=mobile journalist) na Gannett Newspaper, nos Estados Unidos, para designar a atividade emergente de alguns repórteres do The News-Press<sup>7</sup> que se utilizavam de notebooks, câmeras e gravadores digitais além de conexões banda larga para produzir suas matérias em mobilidade e postar diretamente do local e de forma descentralizada. Em 2007 com o lançamento em outubro do projeto “Mobile Journalism<sup>8</sup>” da agência de notícias Reuters, em parceria com a Nokia, o termo jornalismo móvel começou a se consolidar e outras experiências se expandiram por diversos grupos de comunicação do mundo, e em particular no Brasil, adotando o mesmo princípio. O projeto da Reuters é constituído de um kit formado por um celular Nokia N95 com tecnologia 3G, microfones externos, tripé e um

<sup>5</sup> Lemos (2008) define território informacional como um espaço de controle informacional digital através da apropriação das camadas eletrônicas e físicas de um espaço que vai criar um lugar para as trocas comunicacionais.

<sup>6</sup> Lemos (2007) diferencia as mídias de funções pós-massivas das mídias massivas (impressos, televisão, rádio) pela característica da digitalização que define as primeiras tendo a Internet e seus produtos como Wiki, blogs, podcasts, redes sociais e dispositivos móveis como formatadora deste ambiente e pela possibilidade de circulação de informação sem o filtro ou intermédio dos meios de comunicação massivos.

<sup>7</sup> Disponível em <http://www.news-press.com/> acesso em 20 set. 2008

<sup>8</sup> Disponível em <http://reutersmojo.com/2007/10/22/the-mobile-journalism-toolkit-contents/> acesso em 23 de nov. 2007

teclado *bluetooth*. A partir deste aparato portátil os repórteres da agência gravam vídeos, transmitem ao vivo ou editam o material produzido no próprio equipamento.

É preciso notar que enquanto as experiências se expandem o conceito ou uma definição mais precisa para jornalismo móvel não se consolidou de um ponto de vista acadêmico para o estudo do fenômeno. Em princípio a compreensão do que significa parece dado, óbvio, como se fosse uma ponte do jornalismo multimídia, quando na verdade deve se considerado em outra perspectiva. A diferença se estabelece no componente mobilidade, que abre espaço para diversas interpretações dentro deste novo contexto. Devemos compreender que é uma complexificação em termos de potencialidades e implicações da relação entre jornalismo e mobilidade. Alguns autores na tentativa de se aproximar do entendimento do que seja esta prática no âmbito do jornalismo a definem como “jornalismo de bolso” (BRAGINSKI, 2004), “imprensa móvel” (FERREIRA, 2007), “jornalismo digital móvel” (CAMPBELL, 2004), “jornalismo de notícia móvel” (FORSBERG, 2001) “jornalismo móvel” (SILVA, 2007, 2008b; MARK BRIGGS, 2007; CARMO, 2008; QUINN, 2002; PAVLIK, 2002). Estamos diante de duas perspectivas para a prática voltadas para a compreensão do que seja jornalismo móvel: uma está centrada na difusão/recepção<sup>9</sup> de conteúdo para celulares; e a outra centrada no aspecto de produção<sup>10</sup> de conteúdo. Ambas estas esferas se constituem em formas de jornalismo móvel e se complementam. Entretanto, a segunda perspectiva incorpora com mais precisão a definição que compartilhamos como a mais adequada para o estudo do objeto. Poderíamos definir esta modalidade jornalística através do uso de tecnologias móveis digitais e conexões sem fio para a produção ou o relato da notícia diretamente do local do evento em condições de mobilidade. Neste sentido, este aparato formata um ambiente móvel de produção vinculado a redes de alta velocidade a partir do qual o repórter tem à disposição uma estrutura para a composição noticiosa de textos, fotos, vídeos e áudios ou o acesso a base de dados remotas.

Quinn (2002) e Pavlik (2001) descrevem este ambiente de forma similar ao analisar a introdução de tecnologias móveis no processo de composição da notícia em ambiente digital móvel.

This [book] discusses two key aspects of mobile technology in the context of journalism. The first looks at tools to help reporters spend more time in the field. The second considers the distribution of content to mobile devices. With the first we introduce the possibility of the ‘virtual newsroom’ where journalists spend more time in the community and are less likely to be able to work more in teams because the technology will perform some of the work needed to synchronize people in the field. In the second scenario, mobile dis-

---

<sup>9</sup> Esta perspectiva contempla essencialmente os projetos de jornalismo voltado para a disponibilidade de conteúdo para celulares a exemplo do Abril sem Fio, um dos pioneiros no Brasil. Com a melhoria das interfaces dos aparelhos e o surgimento do iPhone a maioria dos portais começam a disponibilizar suas versões digitais em formato apropriado para acesso e visualização adequada em interfaces com telas de em média 3 polegadas. Seria mais apropriado chamar estas iniciativas de Internet móvel ou Web Móvel. Alguns dos sites apropriados para este formato podem ser acessados em <http://m.globo.com> (Globo.com); <http://mobile.nytimes.com> (New York Times); <http://mobile.washingtonpost.com> (Washington Post); <http://w.jcmobile.com.br/iPhoneCinema/> (programação dos cinemas do Recife no JC Online); <http://m.terra.com.br> (portal Terra).

<sup>10</sup> A perspectiva de produção de conteúdo em mobilidade através de dispositivos móveis consideramos mais consistente para a definição de jornalismo móvel por representar com mais evidência uma produção jornalística onde o repórter está em condição de mobilidade. Atualmente estamos desenvolvendo uma pesquisa doutoral sobre o tema no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia – UFBA. Para a tese de doutorado estamos mapeando experiências nacionais e internacionais na área com o objetivo de apreender e compreender melhor o fenômeno e sua influência sobre a produção jornalística contemporânea. Parte da pesquisa pode ser acompanhada através do blog <http://jornalismomovel.blogspot.com>

tribution may be one future for the delivery of news and information” (QUINN, 2002, p.137).

Da mesma forma Pavlik já antecipava estas possibilidades de um uso mais consistente das redes sem fio para o trabalho jornalístico considerando que o desenvolvimento que se observava no início deste século quanto às tecnologias móveis e a Internet induziria a uma produção mais aberta de conteúdo fora das redações físicas. A interface com estas ocorreria com o uso desta infra-estrutura em crescimento de plataformas e redes telemáticas que possibilitariam o trabalho remoto do repórter.

Through electronic mail, remote electronic access to databases, and the ability to transmit multimedia content via the existing public telecommunications infrastructure, journalists are able to work entirely from the field without ever needing to enter a central newsroom location and to exchange messages, stories, and picture files with editors anchored firmly in cyberspace (PAVLIK, 2001, p.106).

O jornalismo móvel, como a intensificação da mobilidade na produção da notícia, exerce sua característica mais definidora na evolução para tecnologias avançadas híbridas com sua multiplicidade de funções ofertadas. De fato, podemos considerar estas tecnologias envolvidas com características de mobilidade, portabilidade e ubiqüidade como constituintes de camadas complementares e introdutoras das condições para a viabilidade do jornalismo na feição que se apresenta atualmente. A mobilidade, que Lemos (2008) vai definir em pelo menos dois níveis: física/espacial (transporte) e virtual/informacional (mídia), exerce sua força na conjuntura presente. O jornalismo móvel, portanto, se enquadra neste contexto denominado por Santaella (2008, p.97) de "cultura da mobilidade" como uma "variação avançada da cibercultura" originada pelas tecnologias móveis como GPS, celulares, MP3, *smartphones* e outros aparelhos caracterizados pela portabilidade e a conexão sem fio.

A concepção de mobilidade atual se desdobra por novas mudanças no estabelecimento de relações com o espaço urbano por ter como aliada os dispositivos identificados pela portabilidade resultante da miniaturização computacional da década de 1970 (CASTELLS, 1999) que transformam celulares em pequenos computadores com grande poder de processamento e de conexão concebidos para múltiplas tarefas de cunho multimídia. A ubiqüidade se apresenta no momento pelos dispositivos vinculados a conexões e sistemas de localização que, junto com a portabilidade dos objetos, mobiliza novas territorialidades e movimentos em torno do ambiente tecnológico que permeia o espaço urbano, mas que são poucos visíveis devido a natureza que expõem de portáteis, de bolso, de redes e conexões. A apropriação das tecnologias da mobilidade vai encontrar ressonância também em outras práticas como as mídias locativas e sua relação com o espaço urbano (LEMOS, 2008; BRUNET, 2008), novas formas de consumo de informação via *bluetooth* (MEDEIROS, 2008) e o acesso à internet móvel em praticamente todos os lugares e sempre online (PELLANDA, 2006; FERREIRA, 2005), dentro de um cenário de computação ubíqua (WEISER, 1991) que vai além de intervenções no fazer jornalístico (RAMALDES, 2008).

Devemos entender que a comunicação móvel impõe uma nova dinâmica aos processos jornalísticos em andamento principalmente diante do impasse entre o jornalismo “digital” e o “tradicional” em decorrência da própria convergência e integração das redações (SALAVERRIA, 2007; AVILÉS et. al, 2007) emergindo como definição deste ambiente multifacetado que perpassa o fluxo tecnológico e informacional da construção da notícia e das relações meios, audiência e produtor. Trata-se, desse modo, de configurações que necessitam de um tratamento conceitual e

um mapeamento da área para que se compreenda adequadamente o fenômeno do jornalismo móvel e se possa caracterizá-lo como um dos desdobramentos da própria cibercultura e do jornalismo digital. O jornalismo em mobilidade força uma reavaliação do deadline tradicional para um deadline contínuo ou inexistente (PAUL, 2008; PATERSON, 2008) pela exigência de uma atualização da notícia de forma mais instantânea, o que pode, em algumas situações, comprometer o status da notícia. “A exigência pelo imediatismo pode interferir na qualidade dos conteúdos gerados. É importante o desenvolvimento de pesquisas [...] para identificar estas condições potencializadas e também as conseqüências no produto final e na rotina produtiva (SILVA, 2008, n/p). Á frente vamos mostrar algumas experiências que oferecem a visualização destas questões tratadas aqui.

## **Celular ao vivo: experiências e plataformas**

Algumas das experiências em andamento na mídia brasileira e fora do país utilizam de forma mais consistente o celular para a produção de fotos, vídeos, *streaming* e postagem de conteúdo. As tecnologias de terceira geração são as principais responsáveis por estas práticas por permitir navegação em alta velocidade pelas redes móveis através de modem 3G para notebooks e mini-laptops ou chips embutidos nos aparelhos celulares. Aplicativos disponíveis na Web voltados para *live streaming* como *Qik*<sup>11</sup>, *Ustream*<sup>12</sup>, *Justin.tv*<sup>13</sup>, *Kyte.tv*<sup>14</sup>, *Cover It Live*<sup>15</sup>, *Mogulus Live Broadcast*<sup>16</sup>, *Flixwagon*<sup>17</sup> complementam a estrutura. No meio destas aplicações proliferam experiências de dentro e de fora dos conglomerados de mídia como forma de estabelecer relações possíveis entre “velha mídia” e “nova mídia”. TV Cultura e JC OnLine, por exemplo, têm se utilizado deste conjunto de aplicações móveis e da Web 2.0 para experimentar estas novas possibilidades de transmissão, inclusive com a participação do público através de *chats* e microblogs. O aparelho celular se reinventa nesta conjuntura por ser o principal artefato utilizado para dar margem a esta produção.

Durante o período eleitoral de 2008 para prefeitos e vereadores nas cidades de Pernambuco, o JC Online realizou coberturas móveis de debates e do acompanhamento da votação e da divulgação dos resultados durante o dia 5 de outubro de 2008. Esta cobertura foi concebida através de uma plataforma que acomodou três aplicações integradas: Qik para transmissão via celular, com quatro câmeras de celulares simultâneas em lugares distintos cobrindo a movimentação no Recife; a aplicação Flickr foi utilizada para a geração de galerias de fotos; e o Cover It Live se encarregou da parte textual em forma de *chats* com informações de repórteres e a participação dos usuários (figura 1). A integração destas tecnologias se tornou operacional para o jornalismo com os celulares 3G que introduziram o componente mobilidade de uma maneira mais consistente para que equipes de repórteres possam cobrir eventos de uma forma descentralizada e sem dependência de equipamentos pesados ou do uso de satélites para a transmissão.

---

<sup>11</sup> <http://www.qik.com>

<sup>12</sup> <http://www.ustream.com>

<sup>13</sup> <http://pt-br.justin.tv/>

<sup>14</sup> <http://www.kyte.tv/home/index.html>

<sup>15</sup> <http://www.coveritlive.com/>

<sup>16</sup> <http://www.mogulus.com/>

<sup>17</sup> <http://www.flixwagon.com/>

The image shows a screenshot of the JC OnLine website during the 2008 elections. The page is divided into several sections:

- Top Banner:** Features the 'eleições COBERTURA AO VIVO' logo on the left and the 'JC OnLine' logo on the right.
- Minuto a minuto:** A section titled 'Cobertura das Eleições 2008' with a 'LIVE!' indicator. It contains a list of comments:
  - 14:59: [Comentário de ALTAIR GERMANO] Pela forma com que santinhos são jogados para o alto de alguns carros, ou não fizeram uma distribuição inteligente dos mesmo ou é espírito de porco sujando a cidade.
  - 15:01: [Comentário de Isa] Gente, tá bonito de ver a cidade em clima de democracia... O feio é ver o Recife coberto de papel de propaganda pelas ruas. Pode até ser que eles ganhem as eleições, mas esses políticos dos santinhos já perderam no quesito preservação do meio ambiente!!!
  - 15:02: [Comentário de Elder Pontes] Infelizmente também identifiquei muitos desses "santinhos" nas ruas de Olinda. Acho um absurdo esse tipo de prática que deveria gerar alguma punição aos candidatos mesmo após as eleições.
  - 15:05: [Comentário de Sirley Ávila] Tenho vários amigos que praticaram esse crime na calada da noite. Concordo com Elder, pois os políticos deveriam ser punidos após a eleição.
  - 15:06: JC OnLine: Logo mais, às 15h30, o TRE divulga um novo balanço sobre urnas quebradas e crimes eleitorais. Mais informações em breve.
- Votos:** A section titled 'Votos' featuring a video player with a 'PLAY' button and a progress bar. Below the video are four camera options: 'Câmera 01', 'Câmera 02', 'Câmera 03', and 'Câmera 04'.
- Galeria de fotos:** A section titled 'Galeria de fotos' showing a photo gallery of people at an event.
- Interactive Elements:** A poll titled 'Você acredita que haverá segundo turno n...' with a progress bar showing 38% for 'Sim' and 62% for 'Não'. Below the poll is a text input field for 'O seu nome:' and a 'Enviar' button.

Figura 1 – Transmissão por celulares no JC OnLine durante o dia 5 de outubro 2008<sup>18</sup>

Esta mesma estratégia do JC OnLine foi adotada de forma pioneira pela TV Cultura através da transmissão do programa Roda Viva<sup>19</sup> que mistura vídeo ao vivo, microblogs e transmissão em *streaming*. Com Twitter, Mogulus e Cover It Live e a participação ativa do público, a TV Cultura é a primeira rede de televisão no Brasil a experimentar estas novas ferramentas integradas à sua programação para uma interatividade maior com o seu público na direção da formatação de um novo modelo de negócios. A integração destas ferramentas estão proporcionando novas potencialidades para coberturas ao vivo. Ainda no Brasil as experiências com jornalismo móvel podem ser observadas no jornalismo da TV Band que em maio de 2008 começou as suas primeiras transmissões com celulares de terceira geração<sup>20</sup> para os noticiários da rede. Além disso mantém um espaço na programação do programa “Primeiro Jornal” para o “Band Repórter Celular”. Este mesmo nome era utilizado em 2005 em projeto similar da TV Alterosa de Minas Gerais, vinculado ao Grupo Estado de Minas, com o uso de

<sup>18</sup> Disponível em [http://www2.uol.com.br/JC/eleicoes\\_aovivo/](http://www2.uol.com.br/JC/eleicoes_aovivo/) acesso em 5 de outubro de 2008

<sup>19</sup> Disponível em <http://jornalismomovel.blogspot.com/2008/09/tv-cultura-na-programacao-microblogs-e.html> acesso em 23 set. 2008

<sup>20</sup> Disponível em <http://jornalismomovel.blogspot.com/2008/04/jornalismo-da-band-transmite-ao-vivo.html> acesso em 23 set. 2008

tecnologia GPRS. Por sua vez a revista Época de São Paulo criou o blog Urblog<sup>21</sup> a partir do qual uma repórter munida de um celular Nokia N95 circula pelo espaço urbano sem uma pauta definida em busca de situações e personagens que possam se transformar em notícia com aberturas para vídeo, seqüências de fotos e mapeamento via geotag que possam trazer uma nova visão da cidade. Tem-se nesta experiência o estabelecimento de uma nova relação do repórter com o próprio espaço urbano.

Da mesma forma que a agência de notícia Reuters com seu projeto de jornalismo móvel, a BBC de Londres (figura 2) desde o ano passado experimenta celulares para transmissão de eventos, principalmente nos seus blogs de tecnologia como o dot.life<sup>22</sup> que testa tecnologias de *streaming* para compreender o impacto no jornalismo e para onde vai esta introdução. Sem dúvida são novos canais vinculados às condições de portabilidade dos equipamentos e da ubiquidade de redes fomentando a mobilidade física e informacional para a narração do cotidiano das cidades ou para o acompanhamento de momentos de grande impacto como conflitos, greves, acidentes.



Figura 2 – Celulares e Qik para transmissão na BBC<sup>23</sup>

Além dos celulares como plataformas para a produção jornalística, emergiu gradativamente como potenciais ferramentas para atividades em mobilidade diversos dispositivos móveis digitais. Entre estes ainda se encontra os mini-laptops ou netbooks que começaram a se disseminar via Asus EEEPC e que se constituem também em ferramentas para o jornalismo móvel. São equipamentos realmente portáteis em consideração aos notebooks tradicionais; oferecem conectividade (3G, Wi-Fi), tem

<sup>21</sup> Disponível em <http://urblog.com.br/> acesso em 22 set. 2008

<sup>22</sup> Disponível em <http://www.bbc.co.uk/blogs/technology/> acesso em 25 fev. 2008

<sup>23</sup> Disponível em [http://www.bbc.co.uk/blogs/technology/2008/02/going\\_live\\_from\\_a\\_mobile.html](http://www.bbc.co.uk/blogs/technology/2008/02/going_live_from_a_mobile.html) acesso em 25 fev. 2008



baterias com boa autonomia (de 3 a 4 horas); oferecem funções além dos smartphones; alguns já vem com espaço em disco considerável de até 160 GB como é o caso da HP e do Mobo da Positivo. O celular cabe no bolso ao contrário destes. Porém, estes mini-laptops oferecem a mesma experiência dos *notebooks* e podem ampliar as opções de tarefas a serem executadas como a facilidade na digitação e edição de áudio, vídeo, imagem e navegação mais confortável. A maioria dos mini-laptops cabem perfeitamente numa pequena mochila porque tem o tamanho aproximado de um livro e pesam menos de um quilo. Os preços são compatíveis com o de um aparelho celular, o que para empresas de comunicação seria um atrativo para equipar seus repórteres. Traduzindo em prática jornalística: o repórter pode digitar seu texto tranquilamente como se estivesse num computador da redação; editar fotos, vídeos e áudios em softwares instalados ou em aplicativos online como o *Photoshop Express*<sup>24</sup>. Como os mini-laptops vêm com *webcam* embutida é possível também fazer transmissões de eventos em *streaming*, o que vem sendo realizado de forma mais prática pelo Nokia N95 e outros celulares com câmeras próximas a 5 megapixels.

Consideramos relevante e oportuna a análise sobre estes processos desencadeados pela comunicação móvel devido a sua abrangência e penetração que força a reconsideração dos espaços urbanos e das práticas comunicacionais na contemporaneidade a partir da constatação da visibilidade da “cultura da mobilidade” (SANTAELLA, 2008; BEILGUEMAN, 2006). O jornalismo incorpora esta variante na sua fase de transformação diante de ferramentas que instauram a instantaneidade como valor no consumo da informação e nas relações com a audiência abrindo caminho para novos parâmetros quando da interpretação de suas especificidades com a presença das mídias de funções pós-massivas ocupando cada vez mais espaço. Todavia, verificamos que o uso dos dispositivos móveis para registro e circulação de informações (áudio, fotos, vídeos e textos) não tem ressonância apenas no jornalismo profissional com sua capacidade de filtros (*gatekeeping*), muito pelo contrário. Com a grande quantidade de aparelhos portáteis como câmeras digitais e celulares com função de fotografar e filmar nas mãos de pessoas comuns o jornalismo cidadão ou participativo se fortalece como alternativa de relatos de acontecimentos com teor jornalístico como ocorreu nos atentados de Madri (11 de março de 2004) e Londres (7 de julho 2005) que não foram registrados nos seus momentos de grande impacto pela mídia massiva.

As questões centrais destes desdobramentos estão na necessidade de se problematizar o impacto das tecnologias móveis e conexões sem fio nas relações profissionais e pessoais, na produção/difusão de conteúdo, na interação com o espaço urbano e o ciberespaço num contexto amplo de mudanças, principalmente observadas a partir do século XXI com as novas condições técnico-sociais desenvolvidas em direção a uma “sociedade em rede móvel” (CASTELLS et al, 2006). Para lançar um olhar sobre o tema acreditamos que uma reconstituição dos estágios do desenvolvimento da tecnologia da informação e comunicação torna-se imprescindível para que se perceba os momentos de intersecção e de fusão de inventos que resultaram nas tecnologias móveis e nas conexões sem fio. Este contexto ajuda, inclusive, a remontar as apropriações de tecnologias por parte do jornalismo visando a implementação da mobilidade física e informacional no processo de produção e emissão de conteúdos para a audiência baseado no imediatismo que se caracteriza como critério de noticiabilidade na disputa pelo noticiar primeiro (SILVA, 2008). Se estas tecnologias, de fato, representam uma intensificação da mobilidade e da portabilidade, há no intermeio questões não resolvidas a serem estudadas como indicadores da potencialização e das conseqüências passíveis de análise neste cenário. Interessa-nos entender como se reformulam as rotinas

---

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.photoshop.com/express/landing.html> acesso em 5 out. 2008

produtivas jornalísticas, o *deadline* como processo e a instauração da questão temporal-espacial presente na instantaneidade construída nesta intersecção entre jornalismo e mobilidade tentando identificar não somente a potencialização destas práticas, mas também as conseqüências imbricadas no uso destas tecnologias móveis digitais na condução da velocidade da produção da notícia.

## **Considerações finais**

A comunicação móvel tem exigido da cibercultura e da comunicação respostas para sua expansão e para a problemática aberta em torno de práticas associadas às tecnologias móveis digitais em redes sem fio como fomentadoras de novas rotinas jornalísticas, de processos de geolocalização, de arte com intervenção urbana, de novas territorialidades e de vigilância. Em relação às experiências de jornalismo móvel em expansão no Brasil, principalmente com a introdução da tecnologia de terceira geração e o surgimento de celulares com a capacidade maior de armazenamento e de processamento de material multimídia (fotos, vídeos, áudios), os contornos da problemática estão na análise das possíveis conseqüências e potencialidades envolvidas no processamento e geração de informação em condições de mobilidade.

Diante deste cenário abrem-se novas possibilidades de estudo para a compreensão das práticas originadas no interior deste ambiente. O jornalismo, em particular, sempre nutriu interesse por tecnologias da mobilidade para fazer frente às suas especificidades de produção e publicação de notícias baseadas no caráter imediatista. Talvez agora todas as mídias possam se beneficiar de fato de uma estrutura que permita a proximidade com este tempo real, que vem sendo propalado de forma mais intensa nos últimos 13, 14 anos com a implementação do jornalismo digital e a circulação de informação nas redes telemáticas. Possivelmente estamos diante de novos processos de construção da notícia ou de velhos processos potencializados pelas tecnologias da mobilidade. De fato, temos diversos objetos de pesquisa circulando neste contexto esperando por delimitações, por apropriação de conceitos e de uma compreensão mais precisa de suas repercussões no âmbito da cibercultura e da comunicação.

Retomando a argumentação deste artigo, as tecnologias móveis digitais e as conexões sem fio introduzidas no jornalismo não se constituem em novidade de um ponto de vista histórico. Entretanto, estas novas tecnologias móveis representam mudanças na sua abrangência e operacionalização por oferecer mobilidade, portabilidade e ubiquidade na produção e emissão de conteúdo de uma maneira nunca dantes verificada. A digitalização e o vínculo com às mais variadas conexões de alcances curtos (blueetooth), médio (Wi-Fi) e longo (WiMax e 3G) são condições que permitem interpretar a mudança como mais significativa. Quando introduzidas ao fazer jornalístico observa-se que as coberturas de eventos ou a produção da notícia se reestruturam em torno da instantaneidade e da geração de novos formatos de produtos jornalísticos.

## **Referências**

AVILÉS, José Alberto García; SALAVERRÍA, Ramón; MASIP, Pere; PORTILLA, Idota; SADABA, Charo. **Métodos de investigación sobre convergencia periodística**. In: Colóquio Internacional Brasil-Espanha sobre Cibermedios. Salvador, dez. 2007

BRAGINSKI, Ricardo. **Celulares, los soportes del periodismo digital móvil**. In: "Periodistas online". Buenos Aires, Argentina, junho-julho 2004. Disponible em em: [http://www.periodistaonline.com.ar/uvirtual/uvir06\\_072004.htm](http://www.periodistaonline.com.ar/uvirtual/uvir06_072004.htm) acesso em 14 set. 2008

BRIGGS, Mark. Journalism 2.0 – how to survive and thrive (a digital literacy guide for the information age. Disponível em [http://www.kcnn.org/resources/journalism\\_20/](http://www.kcnn.org/resources/journalism_20/) acesso em 27 dez. 2007

BEIGUELMAN, Giselle. **Entre hiatos e intervalos** (a estética da transmissão no âmbito da cultura da mobilidade). IN: ARAÚJO, Denise Correa (org.). Imagem (ir) realidade: comunicação e cibermídia. Porto Alegre: Sulina, 2006.

BRUNET, Karla Schuch. **Mídia locativa, práticas artísticas de intervenção urbana e colaboração**. In: Encontro Internacional de Arte e Tecnologia. Brasília: UNB, 2008

CAMPBELL, Cecília. **A new mass market at our feet- European newspaper and mobile**. In: Newspaper Techniques. INFRA. Fevereiro, 2004. Disponível In: [www.ifra.com/website/ifra.nsf/html/ENS\\_mobile\\_services](http://www.ifra.com/website/ifra.nsf/html/ENS_mobile_services). Acesso em 22 set. 2008

CARMO, Fernando Côrrea do. **Jornalismo móvel: um estudo do noticiário produzido para celulares**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2008

CASTELLS, Manuel; ARDÈVOL, Mireia Fernández; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Comunicación móvil y sociedad**. Barcelona: Ariel e Fundação Telefônica, 2006

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo, Paz e Terra, 1999

COBO ROMANÍ, Cristóbal; PARDO KUKLINSKI, Hugo. **Planeta Web 2.0 - inteligencia colectiva o medios fast food**. Grup de Recerca d'Interaccions Digitals, Universitat de Vic, Flacso México-Barcelona, 2007 disponível em <http://www.planetaweb2.net>

FERREIRA, P.H.O. **Notícias no celular: uma introdução ao tema**. 2005, 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo

FERREIRA, Paulo Henrique. **Com você, a imprensa móvel**. In: FERRARI, Pollyana. Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital. São Paulo: Contexto, 2007

FORSBERG, Kerstin. **Mobile newsmaking**. Paper in informatics, paper 9, dez. 2001

GOGGIN, Gerard. **Cell Phone Culture** – mobile technology in everyday life. New York: Routledge, 2006

LEVINSON, Paul. **Cellphone**. New York: Palgrave Macmillan, 2004

LEMOS, André. **Comunicação e práticas sociais no espaço urbano**: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). 2007. Comunicação, Mídia e Consumo/ Escola Superior de Propaganda e Marketing. v.4, n.10 (julho 2007. São Paulo: ESPM, 2007

LEMOS, André. **Cidade e mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais**. Revista MATRIZES n.1 out. 2007

MEDEIROS, Macello. **Bluetooth news: sistema de distribuição de conteúdo jornalístico via conexão bluetooth**. In: XXXI INTERCOM (CD-ROM). Natal-RN/Brasil, setembro, 2008

PAVLIK, John V. **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press, 2001

PAUL, Nora. **Foreword**. In: PATERSON, Chris; DOMINGO, David. Making Online News: the ethnography of news media production. New York: Peter Lang, 2008

PATERSON, Chris. **Introduction: why ethnography?** In: PATERSON, Chris; DOMINGO, David. Making Online News: the ethnography of news media production. New York: Peter Lang, 2008

PELLANDA, Eduardo. **Internet móvel**: novas relações na cibercultura derivadas da mobilidade da comunicação. (tese doutorado). Porto Alegre: PUC-RS, 2005

QUINN, Stephen. **Knowledge management in the digital newsroom**. Oxford: Focal Press, 2002

RAMALDES, Maria Dalva. **O lugar da comunicação e da relação dialógica na era das conexões: telefone celular e novas formas de relações sociais**. In: XXXI INTERCOM (CD-ROM). Natal-RN/Brasil, setembro, 2008

SALAVERRÍA, Ramón. **El periodismo en la era digital** - convergencia multimedia. In: XXVIII Encuentro Nacional de Facultades de Comunicación Social. Lima, set. 2007. Disponível em <http://www.apfacom.org/web-encuentro/> Acesso em 9 out. 2007

SANTAELLA, Lucia. **Mídias locativas: a internet móvel de lugares e coisas**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, n.35, abril 2008

SCHNEIDER, Henrik. **The reporting mobile** - a new platform for citizen media. In: NYÍRI, Kristóf (org.). Mobile studies - paradigmas and perspectives (coleção Communications in the 21 st Century. Viena: Passagen Verlag, 2007

SILVA, Fernando Firmino da. **Moblogs e microblogs: jornalismo e mobilidade**. In: AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; MONTARDO, Sandra (orgs.). Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação, 2008b (no prelo)

SILVA, Fernando Firmino da. **Edição de imagem em jornalismo móvel**. In FELLIPI, Ângela; SÓSTER, Demétrio de Azevedo; PICCININ, Fabiana (orgs.). Edição de imagens em jornalismo. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008b

SILVA, Fernando Firmino da. **Tecnologias móveis na produção jornalística: do circuito alternativo ao mainstream**. In: V SBPJor (CD-ROM). Aracaju-SE/Brasil, novembro, 2007

URRY, J. & SHELLER, M. **Mobile Technologies and the City**. Routledge, London and NY, 2006

WEISER, Mark. **The computer for the 21st century**. in Scientific American, January 1991.

ZAGO, Gabriela. **Jornalismo em microblogs: um estudo das apropriações jornalísticas do Twitter**. Trabalho de Conclusão de Curso (Comunicação Social – Jornalismo), Universidade Católica de Pelotas-RS, 2008